



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Thomas Mann com respeito e dignidade

Morte em Veneza foi escrito por Thomas Mann em 1912, quando ele se mudou para Munique. É um texto bastante curto para os parâmetros de Mann, com pouco mais de cem páginas. Ficaria célebre a partir do filme de Luchino Visconti, de 1971. O ator, diretor e produtor Roberto Cordovani foi bastante ousado em escolher justamente esta obra para uma interpretação solo, desdobrando-a enquanto solilóquio, o que aliás acompanha, de certo modo, o próprio texto. Cordovani, contudo, inspirou-se tanto no texto original quanto no filme. Do original, ele centrou sua atenção no enredo em torno da descoberta da paixão do escritor Gustav von Aschenbach por um jovem, de não mais de doze anos de idade, que ele imagina chamar-se Tadzio, integrante de uma família polonesa que também está passando as férias em Veneza.

O texto de Mann é uma metáfora sobre a beleza que, ao nível do enredo, é personificada no rapaz pelo qual o escritor maduro (cinquenta anos, segundo o texto), julga se apaixonar: pode-se ler, assim, a narrativa, enquanto um romance homossexual, mas me parece que não é esta a intenção de Mann. Ele pretende ressaltar a fascinação que o Belo pode provocar em um artista sensível, como seu personagem central.

Assim, há uma narrativa em terceira pessoa, que acompanha muito de perto a Aschenbach, e onde a voz do escritor, em suas reflexões, num procedimento de fluxo de consciência à Henry James, é trazida ao leitor. Mas o aspecto externo do personagem, inclusive o figurino, criado por Renaldo Machado, segue de muito perto à figura do filme de Visconti, interpretado por Dirk Bogarde. O cenário de Karrys Aldabalde se constitui de um telão acinzentado, ao fundo e no centro do palco, sobre o qual se projetam imagens de Veneza, garantindo, assim, uma mobilidade espacial bastante naturalista. No mais, há uma cadeira de praia, uma mesa que sugere a entrada do hotel em que o personagem se hospeda, e

uma outra mesa, no lado oposto, que circunscreve o alojamento do escritor.

A trilha sonora de Sacha Amaback reproduz a do filme, e sua contribuição, certamente, foi a escolha de trechos e quando ocorreria sua incidência na encenação. O tema musical, aliás, é por si só lento e introspectivo, o que ajuda a criar o clima narrativo, tanto no filme, como no espetáculo teatral, com uma mudança radical: a câmera do cineasta sempre acompanha os personagens desde longe, enquanto, na encenação, temos o personagem se expressando direta e intimamente diante dos espectadores. Assim, o *adagietto* da *Sinfonia nº 5, em dó sustenido menor*, de Gustav Mahler, é um dos elementos fundamentais para a afirmação da obra, tanto no cinema, quanto no teatro: seu ralentando evidencia o clima de certo constrangimento do escritor, à medida em que vai descobrindo a verdade sobre si mesmo e reflete profundamente a respeito da criação artística e do Belo, tanto que muitos consideram este como um manifesto estético de Thomas Mann.

A interpretação de Cordovani é segura, bem marcada e pausada. Talvez em alguns momentos o silêncio seja demasiado - sobretudo em suas saídas de cena, sendo substituído por uma voz em *off* - mas nada que desconstitua a narrativa. O controle sobre a cerca de 1h de encenação também evidencia o cuidado de Cordovani em não perder a atenção do espectador.

Confesso que fui com uma expectativa curiosa conhecer o trabalho de Cordovani, a quem já assisti em bons e maus momentos. Mas saí satisfeito: há seriedade e dignidade neste trabalho, um bom exemplo de como a troca de linguagem não é necessariamente prejudicial. Como disse, a dramaturgia precisou escolher, digamos, o lado externo da narrativa de Mann, porque ela permite o desenvolvimento do drama. Mas a partir desta escolha, o espetáculo em si foi muito bem composto e satisfaz plenamente ao espectador.

Em Morte em Veneza, Roberto Cordovani mostra como a troca de linguagem não é necessariamente prejudicial



Matriarca de uma das famílias mais influentes da música, Katherine Jackson faz raras aparições

Aos 96 anos, mãe de Michael Jackson vive longe dos holofotes

A matriarca da família Jackson, Katherine Jackson, completou 96 anos na última segunda-feira, levando uma vida cada vez mais reservada nos Estados Unidos. Mãe do Rei do Pop, Michael Jackson, ela permanece como uma das figuras mais importantes por trás da trajetória do artista, mesmo longe da exposição pública.

Após décadas acompanhando de perto a ascensão, os desafios e o legado do filho, Katherine optou por uma rotina discreta, com raras aparições. Ainda assim, sua influência segue presente, especialmente na preservação da memória e da história da família Jackson.

Nascida em 4 de maio de 1930, no Alabama (EUA), Katherine Jackson é conhecida como a matriarca de uma das famílias mais icônicas da música mundial. Ao lado do marido, Joe Jackson, teve dez filhos e foi peça fundamental na formação artística deles.

Durante os primeiros anos do grupo The Jackson 5, ela atuou diretamente nos bastidores, criando figurinos e incentivando o talento musical dos filhos. Pianista e cantora, Katherine teve papel importante no desenvolvimento artístico de Michael, que sempre reconheceu a influência da mãe em sua formação.

A ligação entre Katherine e Michael sempre foi marcada por proximidade e apoio. Mesmo durante os períodos mais turbulentos da carreira do artista, ela permaneceu ao lado dele, inclusive em momentos de acusações e processos judiciais.

Após a morte de Michael, em 2009, Katherine assumiu a guarda dos netos Prince, Paris e Bigi, tornando-se uma figura ainda mais central na estrutura familiar. Ao longo dos anos, manteve-se como responsável por preservar a memória e o legado do cantor.

Ao longo da vida, Katherine enfrentou momentos delicados, tanto no âmbito pessoal quanto familiar. Seu casamento com Joe Jackson foi marcado por conflitos e períodos de separação, mas ela sempre manteve o foco na criação dos filhos.

Além disso, esteve envolvida em disputas judiciais relacionadas ao espólio de Michael e à administração de sua fortuna. Mesmo diante dessas situações, continuou desempenhando um papel de referência dentro da família.

Atualmente, Katherine leva uma rotina discreta e faz poucas aparições públicas. Em ocasiões pontuais, é vista ao lado de familiares, como a filha La Toya Jackson, mas evita a exposição constante.

Mesmo longe dos holofotes, sua presença segue simbólica: ela continua sendo uma das principais guardiãs da história de Michael Jackson e da trajetória da família que ajudou a construir.

Com o lançamento recente da cinebiografia *Michael*, que reacendeu o interesse do público pela história do artista, a figura de Katherine volta a ganhar destaque. Sua trajetória se entrelaça com a do filho e ajuda a explicar não apenas o fenômeno musical, mas também o ambiente familiar que moldou uma das maiores estrelas da música.